

rodo
pio

“Cavaleiro errante, metade árabe, metade inglês, com uma vida repleta de aventuras, um contador de histórias nato, cabelos negros, olhos azuis e magníficos. Batalhas, horrores, festas inesquecíveis fazem parte das aventuras que ele narra com uma voz direta e enérgica.”

Assim Mary Shelley descreve sua impressão sobre a personalidade e a vida de Edward John Trelawny. Esse corsário é de fato fascinante: escritor e aventureiro, amigo de Mary Shelley e Lord Byron, ele navegou pelos sete mares no século XIX, conheceu lugares perdidos no meio do oceano — como Bornéu e Ilhas Maurício — e viveu façanhas memoráveis, nas quais travou violentas lutas contra piratas. Numa dessas batalhas, conheceu Zéla, com quem se casou no leito de morte do pai da moça. A partir desse instante os dois não se separaram mais e viveram juntos muitas aventuras.

sm



sm

Memórias de um Corsário

Edward John Trelawny / Heloisa Prieto

Adaptação Heloisa Prieto
Ilustrações Janaína Tokitaka

Memórias de um CORSAÁRIO

Edward John Trelawny

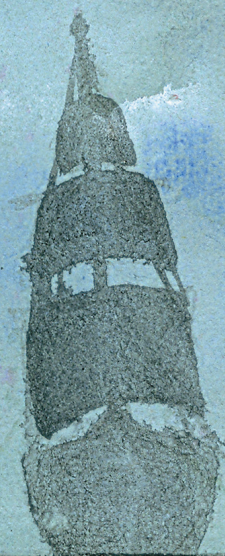
sm

MEMÓRIAS DE UM **CORSÁRIO**

Edward John Trelawny

Adaptação Heloisa Prieto

Ilustrações Janaína Tokitaka



© Heloisa Prieto, 2009

Coordenação editorial Máisa Kawata
Preparação Estúdio Seringueira / Rodrigo Villela
Revisão Carmen Olivieri e Carla Mello Moreira

Edição de arte Leonardo Carvalho
Capa Leonardo Carvalho sobre
ilustrações de Janaína Tokitaka
Diagramação Adriana Domingues de Farias
Produção industrial Alexander Maeda
Impressão Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prieto, Heloisa

Memórias de um corsário / de Edward John Trelawny; adaptação
de Heloisa Prieto; ilustrações de Janaína Tokitaka. — São Paulo:
Edições SM, 2010.

Título original: Mémoires d'un gentilhomme corsaire.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7675-596-8

1. Literatura infantojuvenil

I. Trelawny, Edward John, 1792-1881. II. Título.

10-04122

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição brasileira 2010

Xª impressão 2019

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo / SP Brasil


Tel. (11) 2111-7400

www.grupo-sm.com/br




SUMÁRIO

Breve nota biográfica	6
Duro aprendizado	9
O navio pirata	16
O senhor dos mares	23
A batalha	29
Encontro inesperado	38
Zéla	43
A ilha das flores talismãs	49
Uma boa travessia	58
O Holandês Voador	62
Os perigos dos homens e dos mares	68
Adeus	72
Epílogo	77
Sobre a lenda do Holandês Voador	78
Posfácio – O tesouro da Ilhabela	79



À memória de meu pai, Luiz Felipe Prieto,
que adorava o mar e todos seus personagens.

Heloisa Prieto agradece a Maria Dolores Prades pelo carinho,
apoio e compreensão. A Artur Aldi pela leitura e sugestões.
A Lucas Nemeth pela pesquisa sobre os piratas no Brasil.



Cavaleiro errante, metade árabe, metade inglês, uma vida repleta de aventuras, um contador de histórias nato, cabelos negros, olhos azuis e magníficos. Batalhas, horrores, festas inesquecíveis fazem parte das aventuras que ele narra com uma voz direta e enérgica. Estar na companhia de Edward Trelawny foi um dos grandes presentes que a vida me deu.

Mary Shelley

BREVE NOTA BIÓGRAFICA

Edward John Trelawney (1792-1881)

Caçula de uma família da Cornuália¹, ignorado pela mãe e malcompreendido pelo pai, aos 12 anos, Trelawney era considerado um garoto rebelde, incapaz de adaptar-se à vida do internato. Adolescente, ele embarca no navio *Soberbo* e percorre os sete mares. Ao final de suas viagens, aos 19 anos, torna-se um temível corsário a serviço da França.

Mas qual a diferença entre um pirata e um corsário?

Portadores de destinos de coragem e aventuras, todas essas categorias de “lobos do mar” encarnavam a bravura e a liberdade. Obedecendo a leis e normas próprias, pertenciam a uma espécie de sociedade alternativa, apoiada na prática do contrabando: a “fraternidade do mar”.

Corsários surgiram na região do Mediterrâneo. O termo *corsaro* significa curso, em italiano, e corresponde a um tipo de pirataria específico, permitido pelos monarcas. A França enviava seus corsários para as Antilhas, para a Espanha, para as regiões do “Novo Mundo”. Teoricamente, o corsário combatia por seu país em tempos de guerra. Uma carta de autorização lhe era entregue, de modo que, diferentemente do pirata, ele não ficava à margem da sociedade; contudo, uma vez em alto mar, desfrutava plena autonomia de ação.

Piratas eram totalmente fora da lei: atacavam todas as nações. Tinham como único lema a busca de liberdade total. Viviam numa sociedade marginal, sem esperança ou amanhã. Para eles, o único limite era a morte. Sua revolta era individual. Cada pirata tinha uma causa própria, seja contra a sociedade, contra a religião ou contra si mesmo. Alguns tinham sido escravizados, outros, roubados, excluídos por alguma razão, não havendo, portanto, uma comunidade organizada. Mesmo assim, acabaram criando uma espécie de rede quase global de informações, que funcionava com eficácia.

Várias vidas se passaram nesse mundo marinho, paralelo ao cotidiano dos continentes. Lope de Aguirre, o basco, e sua busca pela terra mítica do Eldorado, Edward Teach, o Barba Negra, e, principalmente, Jean Lafite, o derradeiro flibusteiro². Ao lado de seu irmão, Lafite liderou uma comunidade de contrabandistas nas baías de Louisiana, nos Estados Unidos, baseada em ideais de liberdade e igualdade social. No Caribe, os piratas praticavam o rodízio

1. Condado situado no sudoeste da Inglaterra.

2. Temidos piratas que navegaram no mar das Antilhas durante o XVII e o XVIII.

de cargos e a partilha dos lucros. Atualmente, há estudiosos que pesquisam a existência de uma república que teria existido numa ilha chamada Libertália, inexistente nos mapas contemporâneos.

O debate sobre como conquistar uma sociedade igualitária surge nos diálogos da obra de nosso intrigante Edward Trelawny. Quando adulto ele é celebrado pelos poetas românticos da Inglaterra como herói e decide escrever suas memórias, com a ajuda da escritora inglesa Mary Shelley³. A primeira edição é publicada em anonimato e causa escândalo. Seria possível que uma só pessoa tivesse vivido tantas aventuras? Até que ponto o corsário narrava sua vida ou simplesmente a inventava?

Nada disso importava, na opinião do grande escritor francês Alexandre Dumas⁴. Para ele, o relato do corsário podia ser considerado um dos maiores títulos de narrativa de aventuras de todos os tempos. Defensor desse mestre dos mares, Dumas providenciou para que o livro fosse oficialmente publicado e traduzido em outras línguas.

Anos depois, já famoso, Trelawny decretou-se um velho marinheiro aposentado e comprou uma fazenda onde ainda escreveu outra obra-prima: *Lembranças de Byron e Shelley*, considerado um dos mais contundentes retratos desses dois poetas defensores da liberdade de criação e autores clássicos do movimento romântico.

No final da vida, o corsário passou a atuar como defensor dos animais, lutando pela proibição da caça. Faleceu em sua fazenda aos 88 anos. Para o leitor contemporâneo é surpreendente constatar o ritmo incansável de sua narrativa de ação e a relevância das questões por ele abordadas, ainda inovadoras tantos anos depois.

BIBLIOGRAFIA

Livros

RAMSEIER, Mikhail W. *La Voile Noir: l'incroyable aventure des pirates et flibustiers* [O véu negro: a incrível aventura de piratas e flibusteiros]. Lausanne: Éditions Favre S.A., 2006.

JACQUIN, Philippe. *Sous le pavillon noir — Pirates et flibustiers* [Sob a bandeira negra — piratas e flibusteiros]. Paris: Découvertes Gallimard, 1998.

Sites

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm>

<http://www.britannica.com/>

<http://www.nps.gov/fora/forteachers/thomas-cavendish.htm>

3. A escritora inglesa Mary Shelley (1797-1851) é autora de *Frankenstein*.

4. Alexandre Dumas (1802-1870), romancista francês, escreveu *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*.

